

TRAÇOS E TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO URBANO CONTEMPORÂNEO: PASSAGENS PELA PONTE HERCÍLIO LUZ E SEU ENTORNO

Diego Pontes¹

Resumo: O trabalho se propõe a elucidar as dinâmicas e políticas urbanas que têm orientado as transformações do espaço da região da Luz, no centro da ilha de Florianópolis/SC. Para tanto, por meio da etnografia e da observação de tensões que envolvem especulações e dilemas que dizem respeito às expectativas de “reabertura” da Ponte Hercílio Luz, esta reflexão se inclina ao olhar às demandas que revestem as transformações urbanas que bordam o universo da pesquisa no contexto atual e que coexistem e colidem com o espaço praticado em questão.

Palavras-chave: Cidade. Ponte Hercílio Luz. Transformações urbanas.

Abstract: This paper intends to elucidate the urban dynamics and policies that have guided the transformations of the space on the Luz region, in the center of Florianópolis/SC. To this end, through ethnography and the observation of tensions who involving speculations and dilemmas that concern the expectations of the “reopening” the Hercílio Luz Bridge, this reflection is inclined to analyze at the demands that cover the urban transformations that embroider the research universe in the current context and that coexist and collide with the practiced space in question.

Key-words: City. Hercílio Luz Bridge. Urban transformations.

¹ Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFSC (PósARQ). Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela UFSC com especialização em Ensino de Sociologia pelo CESPEB/UFRJ. Pesquisador do Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (NAUI/UFSC) | diegopontez@gmail.com

Introdução

No dia 30 de dezembro de 2019, às vésperas das comemorações de ano novo, vimos a reabertura da Ponte Hercílio Luz, interditada desde o início da década de 1990. As celebrações e o cerimonial de inauguração oficial ocorreram às margens da cabeceira insular da Ponte e foi acompanhada por milhares de pessoas, contando com atrações musicais comandadas por bandas e DJ's, discursos de autoridades locais, fotógrafos e outros profissionais da imprensa, cervejas artesanais e *food trucks*, ambulantes, aplausos e um verdadeiro mar de *selfies* que começaram ainda pela manhã e seguiram noite adentro.

Ocorrida em uma manhã de segunda-feira, a cerimônia de inauguração, que contou com a presença de turistas e moradores de vários lugares da ilha e do continente, narrava uma espécie de emaranhado institucional envolvido por discursos políticos e exaltações de iniciativas privadas, que literalmente imprimem suas marcas pela cidade, nos mostrando as fronteiras e convivências muitas vezes pouco nítidas entre público e privado nos assuntos ligados às mudanças e transformações que ocorrem em algumas cidades brasileiras (Castells, 2014).

Segundo o que foi noticiado em diversos veículos da mídia ecoando a importância da valorização daquela região da cidade, “antes esquecida e sem investimentos”, a reabertura da Ponte Hercílio Luz, a grande homenageada da festa, traria consigo significativas transformações para o centro da cidade como um todo, discursos, aliás, sublinhados e repetidos muito enfaticamente nas falas das autoridades locais que destacavam a “entrega da Ponte à população”.

A transformação daquela região da cidade em um *mix* cultural destinado aos fluxos turísticos e empreendimentos voltados aos novos consumos urbanos possíveis, notável desde seu projeto urbanístico até a própria nova dinâmica urbana que se articula nos arredores e meandros da Luz, pôde ser observada na nova atmosfera da paisagem urbana “inaugurada” e apresentada à cidade em meio a fluxos de inúmeras outras mudanças e reinvenções na vida urbana central da ilha.

O desfile de carros antigos que atravessara a Ponte em sua reabertura, os novos *pubs* e roteiro gastronômico idealizado àquela região, parquímetros, câmeras de monitoramento e iluminação em *led* parecem anunciar novas expectativas de usos do espaço e das possibilidades de exploração de seu potencial turístico e imobiliário, como frisado nos discursos na cerimônia de “reencontro da cidade com o lugar”, apresentando às pompas os empreendimentos que rodeiam a região da Luz, onde encontramos uma enorme quantidade de revendedoras imobiliárias e um circuito de imponentes redes hoteleiras.

As reflexões que emergiram com a observação do rito de reabertura da Ponte Hercílio Luz, neste artigo se desdobram e vão de encontro às questões que debrucei minha atenção durante a pesquisa de mestrado realizada no PGAU/UFSC entre 2014 e 2016. Naquela ocasião, tratava-se de uma região envolvida por uma gama de revitalizações e outras transformações urbanas que anunciavam um panorama de expectativas, dilemas e especulações sobre a reabertura da Ponte e os impactos em seu entorno (Pontes, 2017).

Desse modo, as análises levantadas no mestrado por meio de *passagens* (Benjamin, 2013) percorridas pela região da Luz, zona central de Florianópolis que compreende a cabeceira da então interdita Ponte Hercílio Luz, o Parque da Luz, e o Mirante e Praça Hercílio Luz e seu entorno, se organizam neste artigo por meio de fragmentos de camadas de memórias *coletadas* durante a pesquisa e desdobram-se em elucidações impulsionadas pelo olhar à reabertura da Ponte em seu cotidiano de transformações.

Com isso, busco aqui apresentar alguns fragmentos históricos e traços de transformações do espaço urbano lançando luz sobre a região central da ilha, abrindo a possibilidade de estudos futuros acerca das dinâmicas urbanas após a reinauguração da Ponte. Trata-se de apreender uma região historicamente marcada por profundas e significativas transformações em sua estrutura e por ambivalentes reinvenções da vida urbana.

Passagens e dobras reflexivas pela Luz

A Ponte Hercílio Luz, tradicional cartão postal e patrimônio da cidade de Florianópolis/SC, foi projetada pelo engenheiro estadunidense David Steinman e construída entre 1922 e 1926, sendo anunciada como o maior vão suspenso da América Latina e o primeiro acesso terrestre que ligaria a ilha ao continente. Inaugurada em 13 de maio de 1926, a Ponte estava inserida em um cenário urbano onde os valores e anseios modernistas revestiam a (re)construção de algumas cidades brasileiras por meio de reformas, embelezamentos estratégicos, e arbitrárias “limpezas” urbanas através de obras de saneamento e urbanização. (CASTRO, 2002)

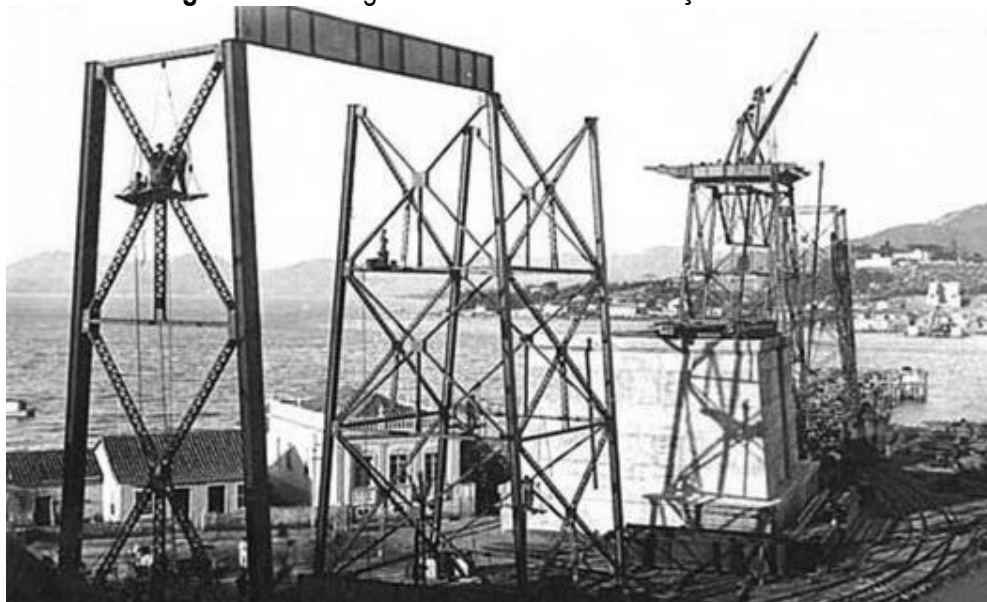
Dentro desse contexto urbano do nascimento da Ponte, podemos pensar que as primeiras décadas do século XX foram marcadas por profundas modificações e deslocamentos no que diz respeito à representação e estruturação do espaço urbano central da ilha. Na época, a construção da Ponte Hercílio Luz representou um emblemático marco que indicava a abertura da cidade aos prestígios metropolitanos modernos, alicerçado em remoções, demolições e políticas de urbanização que reconfiguravam a paisagem urbana em nome de “uma cidade limpa e organizada” (Losso, 2010).

Figura 1 – Canteiro de obras da construção da Ponte em 1922.



Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Figura 2 – Montagem das torres de sustentação da Ponte.



Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Sobre as *mutações urbanas em uma cidade insular*, Sandro Costa (2002) se inclina a reflexões em que a atenção se dá pontualmente às mudanças ocorridas no centro urbano de Florianópolis a

partir a construção da Ponte Hercílio Luz, permitindo especificamente a recomposição dos fluxos e caminhos que abrigavam as vias próximas à Ponte, e que então passariam a ser as principais ligações e vias de escoamento do tráfego em direção ao centro da cidade.

O autor ressalta que a construção da Ponte Hercílio Luz, tanto por sua centralidade quanto pelas expectativas modernas, implicou em transformações e significativos redesenhos no meio urbano, “onde atividades que antes eram desenvolvidas desaparecem gradativamente como, por exemplo, a baldeação de produtos, como farinha de mandioca, aguardente, açúcar, madeira.” (Costa, 2002).

Sua análise abarca também algumas das principais ruas da região central da cidade, como a Conselheiro Mafra e a Felipe Schmidt, que hoje dão acesso ao Parque da Luz, ao Mirante Hercílio Luz e a cabeceira insular da Ponte, e que tiveram suas características funcionais modificadas ao longo do tempo nesse cenário de diversas outras transformações sociais e urbanas que marcavam a passagem do século XIX para o XX, e que Florianópolis também passava a experimentar:

Dentro deste quadro, verifica-se em Florianópolis mudanças sociais e de infra-estrutura urbana, com especial destaque à implementação da iluminação elétrica, a partir de 1910; calçamento e alargamento de ruas; implementação do sistema de esgoto sanitário (1906-1913). Neste panorama de mudanças da estrutura urbana de Florianópolis enquadra-se a Ponte Hercílio Luz (1922 - 1926), que teve implicação direta na dinamização do transporte motorizado na cidade. [...] A ponte é entendida, desta forma, não só como elemento que provoca mutações, mas também como inserida em um quadro mais amplo de mudanças no meio urbano da capital catarinense. Todas as transformações podem ser analisadas como tentativas em fazer da cidade um ambiente moderno e disciplinado, caracterizando o período do final do século XIX e início do século XX, época de intensas transformações culturais, urbanísticas e econômicas locais e nacionais. (COSTA, 2002, p. 2)

Na perspectiva das transformações ocorridas no centro da cidade, Adilson Moreira e Luiz Eduardo Teixeira (2012) percorrem e analisam as *vias pedonais*, os “calçadões”, como espaços de sociabilidades, ressaltando sua contingente expressão de modernização da cidade. Para tanto, por meio de reflexões sobre os usos dos espaços urbanos em suas memórias coletivas, os autores destacam o envolvimento de diversos agentes e classes sociais nas negociações e transformações sobre os espaços da cidade.

Especificamente sobre a Rua Felipe Schmidt, demonstram que a construção da Ponte Hercílio Luz consolidou a rua como principal via de acesso à Ponte e ao centro, onde estavam concentradas a Praça XV, o Mercado Público e algumas casas comerciais. Inicialmente conhecida como Rua dos Moinhos de Vento, a Rua Felipe Schmidt em 1976 teve uma de suas extremidades, entre a Praça XV e a Rua Jerônimo Coelho, transformada em “Calçadão”, “constituindo-se no ponto mais movimentado da capital” (Moreira; Teixeira, 2012).

No que diz respeito às transformações e reconfigurações urbanas ocorridas nos arredores da Ponte Hercílio Luz, vale lembrar que onde nos dias atuais está localizado o Parque da Luz e também o Mirante da Luz e Praça da Luz, encontrava-se o primeiro Cemitério Público da antiga cidade do Desterro, hoje Florianópolis.

Castro e Castells (2007), ao recompor os percursos do movimento de transferência do Cemitério da cidade para uma região antes considerada distante do centro, onde hoje se localiza o bairro Itacorubi, questionam o lugar do Cemitério e do patrimônio no contexto da expansão urbana, e com isso aprofundam o debate acerca da consolidação de referenciais de memórias da capital catarinense, trazendo, desse modo, o cenário de aceleradas transformações urbanas que, impulsionadas por discursos sanitaristas e higienizadores, colocavam o primeiro Cemitério Público da cidade, inaugurado em 1841, no caminho das limpezas urbanas de saneamento e modernização.

Figura 3 - Cemitério Público em processo de transferência durante a construção da Ponte Hercílio Luz.



Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Nesse cenário urbano de intensas mudanças, o Cemitério no centro da cidade passava então a ser considerado um obstáculo à estética modernista que se cristalizaria com a construção da Ponte Hercílio Luz, sendo, com isso, transferido efetivamente para outra localidade um ano antes da inauguração da Ponte. Segundo as autoras, a respeito do lugar da morte na modernidade florianopolitana:

É preciso destacar o contexto de transformações urbanas sofridas na cidade de Florianópolis no período que levou ao deslocamento desse cemitério para uma área considerada distante do centro da capital para as referências espaciais da época. O começo do século XX trouxe importantes mudanças no meio urbano da cidade: construções como praças, casas e a destruição de casarios e alargamento de becos, reformas que mudaram sua fisionomia

redesenhando novas feições ditadas pelos ares da modernidade. Entre os novos projetos para a cidade, estava a construção da Ponte Hercílio Luz, que iria ligar a capital de forma mais eficiente à parte continental, ligação que até então era feita por balsas. Mas para construir a ponte, foi preciso transferir o primeiro cemitério público da capital e o cemitério alemão instalado no alto do Morro do Vieira, respectivamente em 1840 e 1868, para construir a sua grande cabeceira. Os dois cemitérios que ocupavam o alto do morro na entrada da cidade formando uma grande área cemiterial, e causavam desconforto para os moradores locais e eram recorrentes os pedidos de retirada desse lugar. Diversas fontes documentais apontam discursos que pediam a retirada do cemitério por considerar que este era insalubre, mal localizado, lotado, entre outros. Com as obras da ponte, em 1923 o primeiro cemitério público de Florianópolis e o cemitério alemão, começam ser transferidos do Morro do Vieira, próximo ao centro da cidade, para um bairro distante cerca de 6 km (CASTRO; CASTELLS, 2007. p. 5).

Em meio a essas sobreposições de histórias, camadas e caminhos, atualmente, as demolições e construções que serpenteiam a região da Luz no centro de Florianópolis, assim como as alterações estruturais ocorridas pelas expectativas e especulações com a reinauguração da Ponte Hercílio Luz, podemos notar um espaço urbano em acelerado movimento e transformação, impulsionado pelas demandas do consumo urbano e da adequação da cidade aos padrões estéticos guiados pelas políticas do turismo e da *gentrificação* (Leite, 2010; Pontes, 2017; Castells, 2018), que muitas vezes excluem ou visionam “reinventar” certos usos da cidade ao projetarem uma pretensa concepção idealizada de urbanidade orientada arbitrariamente pelas demandas voltadas ao consumo turístico e imobiliário.

Transformações através das imagens

Com isso, considerando as efetivas alterações das dinâmicas urbanas no entorno da Ponte, este artigo se propõe lançar luz sobre algumas imagens e aspectos que possam refletir acerca das passagens pelo contexto histórico da Luz, assim como elucidar as intervenções ocorridas ao longo do tempo em sua estrutura e em seus arredores, além do olhar ao atual estado a qual se encontra essa região, atualmente envolvida pelos movimentos das obras de restauração da Ponte Hercílio Luz, interditada parcialmente em 1982, impedindo a passagem de veículos, e em 1991 vetando também a travessia de pedestres, motos e bicicletas. (Hayashi, 2012).

Figura 4 - Rua Conselheiro Mafra, caminho de acesso à região da Luz.



Fonte: Acervo do autor, 2017.

Figura 5 - Obras de restauração da Ponte Hercílio Luz em 2018.



Fonte: Acervo do autor, 2018.

Figura 6 - Arredores da região da Luz.



Fonte: Pontes, 2017.

Desse modo, além dos discursos formais (midiático, urbanístico, político) e dos emaranhados institucionais que se entrelaçam à Ponte e seu entorno, os *espaços de memória* e *palimpsestos* (Nora, 1993; Argan, 1993) vivenciados pelos habitantes da cidade, especificamente pela região da Luz que interessa neste artigo, sugerem a abertura de um olhar a respeito das ambivalências dos usos citadinos e da coexistência de práticas do espaço urbano e suas tensões inerentes à cidade contemporânea.

Essa nova ambiência urbana que se anuncia pela região da Luz, na atmosfera de novos empreendimentos, esbarra no cotidiano de uma cidade escrita dia a dia e corpo a corpo pelos seus próprios movimentos e apropriações, que desenham um cenário dinâmico a partir de seus encontros, manifestações, procissões, festas de carnaval, patrimônios, permanências e passagens. (Des)caminhos que se conectam a outros muitos passos anônimos, deambulações, pichações, errâncias pelo parque ou à beira da antiga “boca” da Ponte, e também por meio de percursos achados e traçados por mim, passante-pesquisador.

Ademais, por meio da contextualização da região posta à análise e, na atualidade, a percepção de sua notória inserção em uma área da cidade que se encontra na mira de arbitrários projetos urbanos *gentrificadores*, tais reflexões se colocam como base para considerar as tensões e

negociações da vida urbana contemporânea (Arantes, 2000) e suas colisões no *espaço praticado* (Certeau, 2014) da região da Luz, que colidem em discursos e forças que apreendem a cidade pela ótica da disciplina e do consumo urbano turístico.

Nesse sentido, o intuito do trabalho se desdobra em refletir sobre as transformações urbanas ocorridas no centro da Ilha de Florianópolis com a construção da Ponte Hercílio Luz, que desencadearam um “processo singular de nomadismo” em seu entorno, abrindo espaço a “processos de reinvenção da antiga vida urbana, a qual era marcada pela presença de mendigos, prostitutas, loucos, vagabundos, proxenetas, ciganos e capoeiristas, tratados, nos primórdios da cidade republicana, como “antinorma” e casos-limite de “crimes contra a saúde”. (LOSSO, 2010)

Com as atuais expectativas após a reabertura da Ponte Hercílio Luz, depois de inúmeras promessas de restaurações não cumpridas desde sua interdição, nos cabe refletir e questionar sobre as “novas” travessias e conexões possíveis por esses novos trânsitos, fluxos, deslocamentos e redesenhos das dinâmicas da vida urbana. Alterações, resistências, movimentos, disputas e intervenções nos traçados e passos da cidade que indicam efetivas negociações, deslocamentos e reconfigurações da paisagem da região central da ilha.

Desse modo, no ritmo dos passos do *flâneur* e a *contrapelo* das narrativas “oficiais” sobre a cidade (Benjamin, 2013), por meio da etnografia busquei lançar luz sobre algumas passagens entre camadas de memórias que compõem uma dinâmica que se desenha pela multiplicidade de usos e sentidos que o próprio centro histórico de Florianópolis abriga. Durante todo o percurso da pesquisa de campo, e também por todas as ruas e caminhos que percorri pela região da Luz, obras de revitalizações, remoções, requalificações e outras transformações fizeram parte dessa atmosfera urbana e bordaram o universo estudado.

Ao pensar pontualmente a região central da cidade, Alicia Castells (2018) indica um olhar por meio dos paradoxos entre passado e presente ao analisar as disputas, discordâncias e os diversos sentidos que coexistem e se entrecruzam acerca do patrimônio cultural e das práticas cotidianas na cidade. O lugar dos centros históricos na contemporaneidade *sob a lente do cotidiano*, segundo a autora, reflete fundamentalmente a “retomada” da atenção aos centros por seletivas políticas urbanas higienizadoras e gentrificadoras.

Assim como muitas outras narrativas possíveis sobre as cidades contemporâneas, as passagens pela Luz em meio a um contexto urbano de velozes transformações conduzem a um olhar caleidoscópico (Benjamin, 2013) da vida citadina, e imprimem a fluidez, os esconderijos, as intervenções, os jogos de luz e sombra, as ruínas e os atalhos como marcas traçadas pelos movimentos das dinâmicas de (re)invenções sobre a cidade.

Figura 7 – Finalização das obras de restauração da Ponte



Fonte: Acervo do autor, 2019.

Figura 8 – Finalização das obras de restauração da Ponte



Fonte: Acervo do autor, 2019.

Figura 9 – Finalização das obras de restauração da Ponte



Fonte: Acervo do autor, 2019.

Referências

- ARANTES, Antonio. **A guerra dos lugares: mapeando zonas de turbulência.** *Paisagens paulistanas – Transformações do espaço público.* Campinas SP: Editora da Unicamp, 2000.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BENJAMIN, Walter. **Imagens de pensamento/Sobre o haxixe e outras drogas / Walter Benjamin;** edição e tradução de João Barrento. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de. **Revitalizações urbanas da Ilha da Magia (Florianópolis).** CASTELLS, A.N.G. de; SANTOS, J. L. da C. (org). *Patrimônio cultural e seus campos.* Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2014. _____ **Reabilitações urbanas na cidade contemporânea: entre as formas de fazer a cidade e as formas de fazer na cidade.** CASTELLS, A.N.G. de; NARDI, L. (org). *Patrimônio cultural e cidade contemporânea.* Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2012. _____ **O paradoxo dos centros históricos – o caso de Florianópolis.** *Ilha Revista de Antropologia.* v. 20, n. 2, 2018. p. 27-51
- CASTRO, Elisiana Trilha; CASTELLS, Alicia Norma Gonzales. **Lugar de patrimônio é no cemitério: o desterro luterano no cemitério São Francisco de Assis – Itacorubi/Florianópolis.** *Anais do XIV Congresso da SAB – Sociedade de Arqueologia Brasileira,* 2007, Florianópolis. 2007.
- CASTRO, Eloah Rocha Monteiro de. **Jogo de formas híbridas. Arquitetura e modernidade em Florianópolis na década de 50.** *Tese de doutorado em História Cultural,* CFH, UFSC, Florianópolis, 2002.
- COSTA, Sandro da Silveira. **Ponte Hercílio Luz: mutações urbanas em uma cidade insular (1890-1960).** *Dissertação de mestrado em Geografia,* CFH, UFSC, Florianópolis, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2014.
- HAYASHI, Fernando Augusto Yudyro. **Ponte Hercílio Luz: caracterização do projeto, construção, intervenções e estado atual de conservação.** *Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo,* UFSC, Florianópolis, 2012.
- LEITE, Rogério Proença. **A exaustão das cidades. Antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades brasileiras e portuguesas.** *Revista Brasileira de Ciências Sociais,* v. 25, n. 72, fevereiro de 2010.
- LOSSO, Juliana Cavilha Mendes. **Dos desregramentos da carne: um estudo Antropológico sobre os itinerários urbanos, territorialidades, saberes e fazeres de profissionais do sexo em Florianópolis/SC.** *Tese doutorado em Antropologia Social,* UFSC, Florianópolis, 2010.
- MOREIRA, Adilson de Souza; TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. **Vias pedonais-espacos de sociabilidade no centro de Florianópolis.** *Urbana,* V.4, nº5, dez.2012. *Dossiê: Cidades e Sociabilidades - CIEC/Unicamp.* Campinas-SP, 2012.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** *Projeto História,* São Paulo, n.10, dez. 1993.
- PONTES, Diego. **Recortes sobre a Luz: transformação do espaço urbano e a gentrificação da Luz na Ilha da Magia (Florianópolis).** *Revista Visagem – Antropologia Visual e da Imagem.* v. 3, n. 01, 2017. p. 250-

262. _____ **Corpo e cidade à luz da gentrificação: percursos errantes pela região da Luz na Ilha da Magia.** *Dissertação de mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade*, UFSC, Florianópolis, 2016.

Recebido em 04/03/2020 | Aceito em 14/03/2020.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)